

A VOZ DO COMERCIO

QUINZENARIO DOS CONTABILISTAS E GUARDA-LIVROS



IGNIS-PORTO

ASSINATURAS
(Pagamento trimestral adiantado)
CONTINENTE 6800
COLONIAS 13800
ESTRANGEIRO 28800
Numero avulso—1950
Redacção e Administração
R. Santa Catarina, 502—PORTO—(Portugal)

DIRECTOR E ADMINISTRADOR
ANTONIO MARTINS DA FONSECA
EDITOR
ALBERTO FERNANDES LEAL

Toda a correspondencia deve ser dirigida
à Redacção.

OS ORIGINALS NÃO SE RESTITUEM

Comp. e imp. na Tipografia ARTES & LETRAS
Rua Fernandes Tomás, 915—PORTO

1.º ano

Pôrto, 15 de Abril de 1930

N.º 32

RODRIGO AFONSO PEQUITO

O retrato que ilustra hoje a página de honra de «A Voz do Comercio», é o de um trabalhador útil, que creou no estudo e na Sciencia, uma individualidade proeminente.

Se o não tivessem assinalado os seus trabalhos orçamentólogos e a sua reputação de professor insigne, bastaria para o elevar á plana dos nossos primeiros scientistas, esse seu tratado de Contabilidade Commercial, que fez publicar em 1875. dedicado a Luciano Cordeiro, o falecido e saudoso secretário perpétuo da Sociedade de Geografia.

Modestamente dizia no prefacio o seu autor:

«O trabalho que hoje apresentamos a publico não tem originalidade alguma; e as modificações que ha em alguns pontos são tão insignificantes que não vale a pena enumerar-las. O que fizemos foi compilar; e esta compilação julgamo-la necessaria pela falta que havia de um completo expositor das matérias que compõem o curso da nossa cadeira no Instituto.»

Pois essa obra, apesar de saída do prelo ha mais de meio século, ainda hoje é muito consultada e pedida nos alfarrabistas, e só nestes, pois infelizmente ela encontra-se esgotada de ha muito tempo, e lamentavel é que Rodrigo Afonso Pequito, não tenha feito publicar até esta data, uma nova edição,

completamente actualisada e refundida, dêsse seu importante trabalho. Deveria constituir um antenico e memoravel successo de livraria.

Economista e financeiro ilustre, politico da velha guarda, antigo par do Reino electivo, antigo depu-

poucos, saiu dos Conselhos da Corôa envolto naquella auréola de respeito que nimba só a frente dos homens publicos, quando elles teem real e indiscutivel talento, e . . são honestos.

O ilustre lente, jubilado da 17.º Cadeira — Contabilidade e Operações Comerciaes, no Industrial e Comercial de Lisbôa, afirmou-se sempre na cátedra como um professor abalissimo, cujas prelecções sobre a Sciencia das Contas, tinham o curso inteiro suspenso da correnteza das suas ideias e preso pela magia encantadora das suas palavras.

A linha hirta e árida dos principios scientificos, perdia a insipidez fatigadora, pela sua dicção elegante, cheia de brilho, e em que a auctoridade severa da linguagem, se diluía na graciosidade do detalhe e no relevo artistico da explanação.

Veneravel figura de singular destaque na sociedade contemporânea, onde tantas vaidades borbulham e onde tantas incompetencias triunfam, notavel pelo acentuado relevo da sua fisionomia moral, pela sua inteligencia tão preclara e tão culta, e pela auctoridade profissional, que incontestadamente possui, ela é bem digna da modestissima e desinteressada homenagem que neste número «A Voz do Comercio» vem prestar ao decano dos notaveis contabilistas portugueses.



Conselheiro Rodrigo Afonso Pequito

tado, membro do Conselho Superior de Comercio e Industria, tambem foi ministro da Fazenda, como muita gente o tem sido, mas, como

F. G.

INVALIDOS DO COMÉRCIO

Desde meados do ano findo que se trabalha em Lisboa na organização de uma colectividade de caracter nacional, destinada a criar uma casa de repouso-internato para os comerciantes e empregados no comercio que se inabilitem, por doença, qualquer acidente ou pela idade propecta, para o exercicio da sua profissão e que não possuam recursos para se manterem.

A Direcção da novel colectividade alugou, para a instalação do Internato, um vasto solar num dos mais salubres arredores de Lisboa, propriedade essa que, além da sua parte habitavel, onde vão encontrar merecido repouso individuos que trabalharam uma vida inteira, tem uma grande área de terreno cultivavel, horta, jardim, agua potavel, enfim, todos os requisitos precisos para o fim a que se destina.

Concluidas as obras de adaptação, deve inaugurar-se no dia 18 do corrente o novo Internato, no qual será assegurado aos individuos que ali deem ingresso um absoluto conforto que lhes amenize o declinio da sua agitada existencia.

Nesse Internato vai praticar-se uma inovação: não haverá camaratas, cada internado terá o seu aposento privativo ou quando muito uma dependencia ampla para dois alojamentos, podendo, assim, manter os seus antigos habitos, embora sob as determinações do regulamento geral da Instituição.

A referida casa de repouso, que vai funcionar na Quinta do Paço, ao Lumiar, o solar a que nos referimos e que dista dez minutos do terminus da linha dos electritos, terá tambem uma instalação de T. S. F., grafonola para audições diarias, tudo cedido graciosamente por casas da especialidade, e uma biblioteca de livros escolhidos de cuja organização se encarregou a Universidade Livre de Lisboa.

Um grupo de medicos e cirurgiões tambem ofereceu os seus serviços gratis á Instituição.

De varias firmas comerciais e industriais, Junta Geral do Districto de Lisboa, Juntas de Freguezia, Companhias e Bancos, tem a Direcção dos Invalidos de Comércio recebido valiosos donativos, estando a circular um apêlo que a mesma Direcção dirigiu aos fabricantes de louças, tecidos, etc., apêlo que é patrocinado pelas mais importantes firmas de Lisboa e que visa a obter a colaboração da industria dessas especialidades para o recheio do novo Internato, que ficará constituindo uma das mais honrosas obras das classes comercial e industrial.

No internato são admitidos, como já dissemos, os individuos absolutamente impossibilitados de trabalhar, carecidos de recursos, que não padeçam de molestia contagiosa e que tenham desempenhado qualquer das seguintes profissões: guarda livros, contabilista, caixeiro de balcão, escritório, banco, armazem, praça ou viajante; comerciante ou industrial, não se compreendendo por industrial senão aquele que tivesse ao seu serviço o minimo de cinco operarios efectivos; despachante da alfandega ou seu ajudante; alfaiate com estabelecimento de fazendas aberto ao publico; farmaceutico diplomado ou seu ajudante; corrector, seu ajudante ou caixeiro; commissario de mercadorias com estabelecimento, ou qualquer outro individuo inscrito na respectiva matriz como comerciante ou caixeiro, desde que não prove por outra forma essa qualidade.

A população associativa desta simpatica Instituição de assistencia é hoje superior a 7.000 individuos, não só da Capital como tambem do Porto e outros pontos da provincia.

Em varias localidades existem já delegacias do novo Internato a quem foi confiada a propaganda dos seus fins humanitarios, que consistem em proporcionar alojamento, alimentação, vestuario, assistencia medica e farmaceutica e funeral com absolutas condições de decencia, tudo absolutamente gratuito ás pessoas que ali se acolham.

A secretaria está instalada na rua da Assunção, 42, 2.º d.º, Lisboa, para onde podem ser pedidas propostas e todos os elementos de informação.

A cota minima é de 1500 mensal, podendo ser paga ao trimestre, semestre ou ano.

A direcção desta Instituição é composta pelos srs. Alexandre Ferreira, director da Companhia Aliança Seguradora, antigo deputado e vereador; Julio Silva, guarda-livros da Companhia da Roça Vista Alegre e antigo vereador da Camara Municipal de Lisboa; Amilcar Costa, empregado no comercio e antigo presidente da Associação dos Caixeiros de Lisboa; José Luis, empregado no comercio; Francisco Manuel da Costa, comerciante e tesoureiro da Associação de Socorros Mutuos de Empregados no Comercio de Lisboa; Antonio Augusto de Souza, empregado no comercio; Antonio Gomes Suzano, comerciante e antigo vereador da Camara Municipal de Lisboa; José Joaquim da Costa Fernandes, industrial; Antonio José de Sousa e Pelayo Rodrigues, comerciantes.

Consideramos esta obra um grande exemplo de abnegação, de uma oportunidade flagrante na epoca que atravessamos em que a vida comercial oferece surpresas por vezes desagradaveis, tornando contingente o futuro dos seus componentes, e, portanto reputamo-la digna do maior carinho por parte das classes que constituem a sua razão de ser.

Rectificação

No n.º 29, pag. 82, ultima linha do artigo «O Valor da Contabilidade», está escrito: A serie leva-nos de um só golpe ao amago das causas. E': A serie leva-nos de um só golpe ao amago das causas.

No n.º 31, pag. 107, começo do artigo: A Organização dos arquivos de correspondencia.

Está: O emprego dos velhos processos nos serviços de escritorio vão sendo, pelas exigencias presentes, dia a dia, substituidos por métodos mais praticos.

E': O emprego dos velhos processos nos serviços de escritorio vai sendo, pelas exigencias presentes, dia a dia, substituido por métodos mais praticos.

Ainda no mesmo numero, pag. 110, coluna exterior, 9.ª linha, contando de cima, lê se: e completado com o numerario.

E': e completado com numerario.

ATENÇÃO

A quem enviamos a «Voz do Comercio», seja ou não assinante, se lhe faltar algum exemplar queira ter a bondade de o pedir á Redacção, que prontamente lhe será enviado.

Este numero foi visado
pela Comissão de Censura

SECCÃO TÉCNICA

A organização dos arquivos de correspondencia

II

Na classificação do arquivo pelo sistema alfabético e para maior facilidade na procura, convem que as saliências dos indices ou guias, sejam do lado oposto ás saliências das pastas, podendo mesmo adoptar-se uma côr para guias e outra para pastas.

As pastas devem ser colocadas na gaveta a seguir ao guia da letra a que pertencem e por rigorosa ordem alfabetica.

A correspondencia deve ser guardada dentro da respectiva pasta, por ordem cronologica, ficando junto de cada carta a copia da resposta, convindo numerar todos os documentos a lapis de côr, em relação ás suas datas, para evitar extravios e simplificar o seu arquivo, quando tenha sido necessario de lá retirar algum.

Sempre que haja alteração na razão social de qualquer firma, deve mudar-se para nova pasta, toda a correspondencia, mas não se retira do arquivo a pasta vazia, na qual se deve anotar essa alteração, para, se, por habito, recorremos a esta, encontrarmos facilmente aquela.

Como é natural que, por necessidade de serviço, seja preciso retirar da gaveta, por algum tempo, qualquer pasta, deve-se pôr, no seu lugar, uma cartolina semelhante aos guias, mas com a saliência oposta á destes e na qual se deve escrever, em letra bem visivel, a palavra FALTA. Isto facilita muito a tarefa da pessoa encarregada do arquivo, que sobre ele deve exercer uma constante vigilancia, e evita, que por esquecimento, a pasta deixe de voltar para o seu sitio.

O emprego do processo alfabetico-numerico, difere apenas, do anteriormente descrito, na saliência das pastas (fig. 6) e do guia ou indice, tendo este tambem um riscado especial, destinado ao nome e praça de cada cliente, em relação ao numero que lhe pertencer (fig. 7).

Como facilmente se compreende, sempre que haja precisão de se consultar qualquer pasta, temos em primeiro lugar de verificar o seu numero no indice da inicial respectiva.

Quando por alteração de firma, ou outro qualquer motivo, uma pasta fique disponivel, não se deve retirar da gaveta, até que seja substituida por a dum novo cliente, para que a numeração não fique interrompida.

A-1					
N.º	NOME	Praça	N.º	NOME	Praça

Fig. 7—Índice para o sistema numerico

Quando se trate de firmas de grande movimento e a guia ou indice referido a uma inicial, não seja sufficiente para a divisão das pastas, em virtude do seu grande numero, podem ser estas desdobradas e aumentados aqueles, conforme as necessidades, juntando-se á inicial outra letra, ou seja:

AB, AC, AD, etc., ou separando-se os nomes mais vulgares, como: Antonio, José, etc.

Adoptando-se o sistema numerico, é necessario um indice, onde se escreva adeante do nome de cada cliente o numero da pasta, podendo o mesmo dispensar-se, se combinarmos este serviço com o das fichas de clientes, as quaes nos indicarão o numero da respectiva pasta.

Na gaveta devem as pastas estar classificadas por ordem numerica e serem divididas ás dezenas, por guias proprias para esse efeito.

A classificação por assuntos, consiste em arquivar numa só pasta, toda a correspondencia relativa a cada um deles, com a designação dos mesmos nas saliências das pastas (fig. 8).

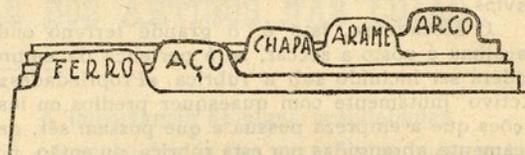


Fig. 8—Sistema por assuntos

Se preferirmos classificar a correspondencia por praças, temos de organizar um guia ou um indice para cada uma, a seguir ao qual colocamos as pastas da clientela, por ordem alfabetica.

No fim de cada ano, retiram-se das gavetas, as pastas a ele referentes, para darem lugar ás do ano que entra, passando-as para umas caixas especiaes, nas quaes se cola um distico com a indicação dos classificadores que contem, para facilitar qualquer busca.

(Continua).

A. C. G. M.

Não basta que as escolas técnicas sirvam apenas para instruir; urge que eduquem, moralizem e transformem as gerações que por elas passam em esteios básicos duma civilização que não seja fictícia mas real.

(Do anuario de 1919-20 da Escola Raul Doria.)

A pesca do bacalhau e a sua contabilisação

(Continuação)

Nas empresas de pesca de bacalhau, ha grande conveniencia em que o balanço annual seja feito por exercicio de anno economico de 1 de Julho a 30 de Junho, e a este respeito, direi que, tendo ainda ha pouco tempo o Sr. Ministro das Finanças, Dr. Oliveira Salazar, pretendido harmonisar o anno de exercicio commercial, para effeitos tributarios, unificando o balanço de todas as casas commerciaes, para 30 de Dezembro de cada anno, o que levantou os mais justificados protestos e reclamações das diversas agremiações economicas do Paiz, pois não se pôde, pela divergencia das differentes modalidades dos negocios e suas epochas de maior trabalho etc., estabelecer o anno civil como padrão unico para fecho de balanços, nem mesmo a lei commercial obriga a tal.

Exemplificando, praticamente: Nas empresas de pesca, ha necessidade e conveniencia de estabelecer a contabilidade da pesca por exercicios, e assim teremos uma conta no Razão para «Pesca—1.º Exercicio 1929-1930» e uma outra conta para «Pesca—2.º Exercicio 1930-1931» e assim successivamente, visto que a primeira d'aquellas contas é saldada por Lucros e Perdas, como conta de resultados, no anno economico actual, enquanto que a segunda conta transitará no Activo do Balanço para o novo exercicio, dado que a largada dos veleiros para a pesca se faz, como já disse, por meados de Abril-Maio, e para equipar esses veleiros é indispensavel dispender grandes sommas que se debitam na conta que transita para o futuro Exercicio.

De especial, na contabilidade das empresas d'esta pesca, mencionar-vo-hei o seguinte:

Se a pesca é feita por um unico barco, o valor que elle representa é descripto no Activo como «Navio X» tantos escudos; se, porém, a empresa possui mais navios, abrirá uma conta no Razão a «Navios» ou «Frota», com um auxiliar elucidativo do valor e consequentes modificações de cada embarcação, englobando assim: aquelle titulo o valor total de todos os navios.

O seccadouro, isto é, o grande terreno onde o bacalhau é pôsto a secar, se é pertença da empresa, poderá ser incluido sob a rubrica «Propriedades» no Activo, juntamente com quaesquer predios ou installações que a empresa possua e que possam sêr, genericamente, abrangidas por esta rubrica, ou então, poderá mencionar-se apenas «Seccadouro» tantos escudos, se quizermos patentear no Balanço, separadamente, o seu valor.

A conta—base no apuramento dos resultados, ou melhor dizendo, a conta que nas empresas de pesca equivale á conta de «Fazendas Geraes» nas casas

commercias, é a da «Pesca—1.º Exercicio 1929-1930» a que acima já me referi. Para esclarecimento completo d'esta conta, temos um auxiliar o mais desenvolvido possivel, que poderá ser subdividido nas seguintes rubricas, por exemplo:

	Mantimentos
	Soldadas
	Avanços (á tripulação)
	Reparações e aprestos
No DÉBITO	Seguros
	Despezas de pesca
	Despezas de secca
	Direitos e Impostos
	Despezas Diversas
	Venda de bacalhau
No CRÉDITO	Venda de oleo
	Venda de sal
	Receitas varias

Note-se porém, que se os navios necessitam de qualquer reparação que lhes vá alterar o valor, o débito dessa reparação é lançado ao navio ou á conta que o represente como «Navios», por exemplo; se, todavia, essa reparação não altera o valor de Inventario da embarcação, por sêr attribuição de pesca, debita-se á conta de «Pesca», na sub-rubrica de «Reparações e aprestos».

Como os tripulantes recebam todos, antes de partirem, um adiantamento em dinheiro aos seus salarios futuros, debitamos na sub-rubrica «Avanços» estas quantias.

Para estimulo da faina da pesca, é costume os armadores concederem aos pescadores uma percentagem sobre a quantidade de peixe pescado, importancia esta que debitamos na sub-rubrica «Despezas de pesca».

Dando se, eventualmente, um sinistro maritimo, como seja por hypothese, um abalroamento de qualquer vapor ou embarcação com o navio da empresa de pesca, e sendo urgente effectuar a reparação do navio em qualquer porto estrangeiro, debitamos o seu custo em escudos na equivalencia da moeda estrangeira que custou, na conta de «Pesca», e se fôr liquidada a reclamação feita á Companhia de Seguros adentro do exercicio corrente, lançaremos a indemnisação recebida a crédito da mesma conta, sob uma rubrica de «Abalroamento X (indicando-se o local do sinistro)».

Desnecessario se torna referir-me ás restantes contas do Razão, porque são aquellas que é de uso adoptar-se no commercio em geral.

Março de 1930.

Henrique Martins da Fonseca.

O C A T A L O G O

(Continuação)

Deve procurar-se que ao possuidor seja facil achar no catalogo o dado que lhe interessa: o tipo duma maquina, a medida dumas valvulas, as grossuras dos parafusos, etc., que lhe são necessarios, pois que é mais provavel que envie os seus pedidos ao fabricante cuja existencia sabe que satisfaz as suas necessidades.

Ainda que por o aspecto e a qualidade seja já o catalogo digno de guardar-se é preciso dota-lo de alguma qualidade que o torne necessario; esta qualidade deve procurar-se fora do relato dos productos. E' conveniente faze-lo interessante, não como anuncio, mas reunindo a condição de livro de consulta. Para

isso juntem-se-lhe tabelas facilitando o calculo de transmissões ou força mecanica dos seus elementos, densidades, formulas quimicas, coeficientes, etc., quando se dirige a industriaes, e receitas de cosinha ou utilidades caseiras, usos da sociedade, etc., quando se trate de particulares, procurando sempre que estas adições tenham relação com o objecto anunciado. Desta maneira o catalogo é util, não só para conhecer a existencia de artigos e as suas caracteristicas, mas tambem como livro de consulta e auxiliar valioso para o calculo de projectos e redacção de estudos e memorias.

Ainda que a duração do catalogo seja definida não deve desprezar-se essa qualidade. Nos catalogos de novidades e modas cuja duração tem de limitar-se a um ano como termo maximo, é necessario dota los de almanaque, receitas caseiras e outros conhecimentos uteis que tornem conveniente a conservação do catalogo por certo espaço de tempo.

Na terceira condição, a acção publicitaria adequada á sua duração, deve atender-se a uma redacção em relação ao tempo que obrará em poder do cliente; toda a sugestão, todo o elogio sem fundamento apenas produziria efeito; mais que frases incitadoras, deve conter razões e argumentos apoiados em dados numericos. Se se trata de um catalogo de maquinas, a sua argumentação consistirá em detalhes sobre o funcionamento e forma de construção, a especificação das características e instrucções para o uso; se é duma casa de modas, impressões sobre a moda e observações sobre côres e usos dos trajes, se é de lubrificantes, as suas condições de obtenção, ponto de fusão, densidade, viscosidade, etc.

As illustrações devem colocar-se de maneira a realçar as paginas e o tipo de letra deve ser claro, legível e atractivo. Pode dividir-se o texto em pequenos titulos que separem cada grupo de argumentação, facilitando a leitura e resumindo ás vezes o seu conteúdo.

O catalogo deve actuar como agente de venda perpetuo e portanto levará detalhadamente as condições da venda, forma de envio, embalagem e peso, para dar logar a calcular os preços do transporte, a chave telegrafica por a qual possam dar-se as ordens de expedição e quantos dados sirvam de orientação e normas para a compra.

Os preços não devem figurar; a oscilação a que estão sujeitos, inutilisaria o catalogo em breve tempo; é melhor imprimir notas de preços periodicamente fazendo referencia á numeração das paginas do catalogo. No caso dos preços figurarem, devem ser os de

base, notificando regularmente o aumento ou diminuição a que estão sujeitos.

A distribuição do catalogo deve ser feita cuidadosamente, mandando-o somente aos que possam ser consumidores. Se se distribue sem orientação fixa, e preconcebida norma muitos irão parar a mãos de indiferentes, sem nenhum resultado positivo. E' preciso distribui-lo com critério e desta maneira podem apresentar-se catalogos de custo elevado, com a possibilidade de que as vendas obtidas por seu intermedio paguem o seu custo.

Nas secções de compras das empresas bem organisadas arquivarão os catalogos, classificados convenientemente, por a utilidade que rendem na orientação dos empregados superiores, demonstrando já este feito a necessidade de que se obtenham as condições expostas.

Constitue já hoje uma necessidade comercial; nenhuma casa pode subtrair-se a este meio, devido á sua acção como agente de vendas perpetuo. Ha casas que dedicaram ao catalogo importantes somas com fins de publicidade. Uma casa de maquinas electricas tem um catalogo cujo custo oscila entre oito pesetas cada exemplar; mas contem uma serie de tabelas, disposições com referencia á industria e conhecimentos uteis que não ha engenheiro ou chefe de industria a cujas mãos tenha chegado que o não conserve em logar preferido da sua biblioteca por os serviços que lhe pode prestar; e como cada vez que o consultam é em projectos nos quaes se pode aplicar o material anunciado, ao sentir a necessidade dum artigo, recordam imediatamente o nome do vendedor, e como ao lado dos dados para o projecto está o nome do vendedor do material é logico que se lhe dirija a encomenda, rendendo desta forma um positivo e eficaz beneficio o catalogo que apesar do seu custo resulta economico porque a sua confecção foi orientada por normas racionais.

Da « *Actividad* ».

J. S. Sanjuán

A IMPORTANCIA DA BOA DISPOSIÇÃO DOS ARTIGOS NAS LOJAS

A maneira de dispôr as secções de um estabelecimento de retalho de modo que as mercadorias se possam exhibir e vender com maior facilidade, exige algum conhecimento da psicologia dos consumidores. Os gerentes dos estabelecimentos estão modificando constantemente a disposição das secções e mostradores, de forma a poder obter-se os melhores resultados. Muitas vezes uma pequena modificação vem demonstrar-nos a diferença entre uma secção lucrativa e outra que não dá resultado.

Como exemplo, pode citar-se o caso de um grande estabelecimento, cujos donos estavam inteiramente descontentes com as vendas da secção de artigos para homem. Deitavam a culpa do mau negocio ao vendedor, mas este sustentava que aquilo era resultado da má disposição da secção, do que não conseguiu vencer os patrões, tendo de sahir do estabelecimento. Mais tarde, por varias razões, efectuou-se a mudança sugerida, tendo desde então prosperado muito aquela secção.

O defeito estava em verem-se os clientes obrigados a andar muito pela loja dentro até chegarem á secção onde se vendiam os artigos para homem. A mudança desta para junto de uma das entradas do estabelecimento, resolveu o problema.

A Importancia de plano arquitetónico

A colocação devida das mercadorias num estabelecimento, foi motivo de uma carta enviada recentemente pela secção de informações e investigações da National Retail Dry Goods Association, dos Estados Unidos, a uma empresa que estava para abrir um novo estabelecimento. Nela se expunha que o plano arquitetónico do estabelecimento em grande parte determinaria a situação das varias secções; mas que, apesar do esmero que presidisse ao arrumo e disposição das mercadorias, haveria que fazer-se transformações posteriores, uma vez observada a maneira mais constante da circulação da clientela no estabelecimento.

E' mais facil vender certa classe de artigos, quando se apresentam no primeiro andar, do que em outra qualquer parte. Os clientes entram na loja, quando dispõem de tempo para o fazer, e andam pelas passagens do andar principal, detendo-se em um ou outro mostrador, vendo qualquer coisa que lhes chama a atenção e, em geral, tudo que se exhibe neste andar. Isto acontece sómente no andar principal. Quando um cliente toma o elevador para algum dos andares superiores, é porque está na disposição de comprar algum artigo especial.

São trez os factores que determinam quaes as mercadorias que devem expôr-se no andar principal. O primeiro que devemos considerar é se a colocação de um determinado artigo nos mostradores do andar principal será de algum modo conveniente para a freguezia. Se é coisa que os clientes procurem com muita frequencia, isto por si basta para justificar a sua colocação neste sitio.

Por exemplo, não seria nada acertado pôr a existencia de guarda-chuvas no quinto andar, por razões evidentes. Os guarda-chuvas vendem-se principalmente nos dias chuvosos e o cliente não quer perder tempo com a sua compra. Está claro, que neste caso o sitio proprio para este artigo é no andar principal. O mesmo succede com muitos outros artigos, que collocados em outro qualquer logar, não terão facil sahida.

Os artigos miudos no rez-do-chão.

O segundo factor que ha-de determinar se vem ou não colocar no andar principal qualquer artigo, é o seu tamanho e quantidade de existencia que haja do mesmo. Os artigos de grandes dimensões não ficam bem ali, como, por exemplo, moveis, passadeiras, ect. Estes artigos são volumosos e exigem bastante espaço. Mas a quantidade de existencia, que tenha um comerciante é tambem um factor importante para resolver este assunto. Isto é, se ha grandes existencias, por exemplo, em roupas de senhora de senhora, louça, artigos de sport, brinquedos, etc., não é adequado para isso o andar principal. Para se apresentar, como deve ser, uma existencia tão grande como a que geralmente tem os comerciantes nestes artigos, são necessarias secções completamente separadas.

O sitio proprio para o artigo miudo, de ampla e grande utilidade, é o rez-do-chão. Por exemplo, bolsas, encaixes, véus, perfumarias, papelaria, luvas, cutelarias, vasilhas de prata e fantasia, cintos, lenços e novidades diversas, conveem ser exhibidas no andar principal.

Certos artigos, taes como, roupa branca de senhora, meias, fazendas, livros e joias, dos que em geral se tem existencias bastante grandes, convem tambem que sejam collocados no andar principal, pela conveniencia da sua sahida.

Todos os compradores que veem á loja adquirir estas coisas, estão acostumados a encontra las nesta parte do estabelecimento, tanto mais que as existencias destas mercadorias não são tão grandes, que mereçam que se lhes destine secções separadas.

O primeiro andar, logar de preferencia.

O terceiro factor é o aspecto. O andar principal é o logar de preferencia do estabelecimento e exige uma disposição muito esmerada. Nele só se devem apresentar artigos que se prestem a ser exhibidos com elegancia e graça, succedendo que quasi todos os artigos pequenos tem essa bõa propriedade.

Passando a seguir a consideração mais geral dos factos que contribuem para a colocação devida das mercadorias, adverte-se que a classificação dos artigos

pela maior atracção que exercem, é um bom principio, sobre o qual se pode basear este assunto.

As mercadorias dividem-se assim: Artigos que se compram impulsivamente, taes como artigos de toucador, d'oces, gravatas, etc., artigos oportunos, taes como guarda-chuvas, despertadores, etc., artigos necessarios, taes como roupa branca, calçado, etc., artigos de luxo, taes como joias, objectos d'arte, etc.

Disse-se que um estudo desta classificação demonstrará que as secções dos artigos necessarios se podem instalar nos andares superiores ou ainda em logares afastados, visto que os compradores, resolvidos de antecedencia a adquiri-los, pela necessidade que deles teem, estão dispostos a ir a qualquer parte do estabelecimento para os comprar.

Por outro lado, os artigos que se compram impulsivamente, são aqueles que os clientes adquirem por estarem lindamente apresentados ou porque ao vê-los se recordam que lhes conveem. Naturalmente, os artigos deste genero devem apresentar-se nas passagens principaes ou nos logares mais visiveis, para se conseguir a sua bõa sahida.

Os artigos oportunos.

Os artigos oportunos são aqueles que prestam um serviço perfeitamente determinado e em seu devido tempo. No caso dos guarda chuvas, por exmplo, nenhum esforço que se faça para a sua apresentação, conseguirá que a sua venda aumente. Por esta razão, os artigos oportunos devem-se colocar em logares um pouco mais afastados do estabelecimento, mas em sitios, que quando se apresente oportunidade, possam facilmente ser vistos por quem entra na loja.

A mercadoria util acha-se constituída pelos artigos pequenos, que se consideram de utilidade pessoal ou caseira. E' difficil fazer uma distincção perfeita entre estes e os que se compram impulsivamente, pois a miudo acontece uma mulher comprar um novelo de fio, simplesmente, porque o vê ao passar, succedendo o mesmo com outros objectos, taes como pastas para dentes, pós de arroz, etc.

E' tambem difficil definir os artigos de luxo, se bem que todas as secções tem alguns que se podem incluir nesta classificação. Mas ha, pelo menos, duas secções — joias e bordados artisticos — cujos sortidos se podem considerar artigos de luxo.

Destes podem tomar-se dois grupos, o artigo pequeno de luxo, que se compra impulsivamente e os artigos de luxo para casa ou uso pessoal, cuja aquisição se projecta com antecedencia. Parece que o primeiro grupo ficará melhor no andar principal, enquanto que o segundo pode bem instalar-se num dos andares superiores, porque os clientes os procurarão seja em que parte fôr do estabelecimento.

Talvez todo o assunto da arrumação ou maneira de dispôr um estabelecimento se possa resumir nestas palavras: «A conveniencia dos clientes» e, embora não seja uma coisa tão banal que não mereça menção, é um dos factores que menos se considera e a que menos atenção se presta.

(Da revista «Actividad».)

«Mas se o Comercio necessita hoje duma vastidão de conhecimentos que o engrandecem e superiorizem, preciso é, tambem que a par da sciência que o enaltece, exista nêle a abnegação e honra, para que não se avilte mas dignifique, não prejudique mas beneficie, não arruine mas salve».

Resta, pois, escriturar a transferencia do activo e passivo para a nova sociedade, o que pode ser feito num ou em varios lançamentos.

Num lançamento Diversos a Diversos

Pela transferencia do nosso activo, passivo e capital para a nova sociedade Costa, Ferreira & C.^a

Credores	43.460\$—	
Letras a Pagar	78.000\$—	
Antonio Fernandes Costa, c/ capital	178.358\$35	
Francisco Duarte, c/ capital	53.507\$50	
Mario Moreira da Silva c/ capital	303.209\$15	
a Caixa	10.000\$—	
a Moveis e Utensilios	120.000\$—	
a Mercadorias	375.640\$—	
a Devedores	90.125\$—	
a Letras a Receber	60.770\$—	

Em varios lançamentos

Costa, Ferreira & C.^a 656.535\$—

a Diversos

Pela transferencia do nosso activo para aquela firma.

a Caixa	10.000\$—
a Moveis e Utensilios	120.000\$—
a Mercadorias	375.640\$—
a Devedores	90.125\$—
a Letras a Receber	60.770\$—

»

Diversos

a Costa, Ferreira & C.^a 121.460\$—

Pelo nosso passivo que fica a cargo daquela firma.

Credores	43.460\$—
Letras a Pagar	78.000\$—

»

Diversos

a Costa, Ferreira & C.^a 535.075\$—

Pelo capital que transferimos para aquela sociedade.

Antonio Fernandes Costa, c/ capital	178.358\$35
Francisco Duarte, c/ capital	53.507\$50
Mario Moreira da Silva, c/ capital	303.209\$15

Está encerrada a escrituração.

(Continua) A. M. F.

Uma solução ao problema n.º 5

Cotas		
a Capital	200.000\$00	
»		
Diversos		
a Cotas		
Manoel Teixeira c/ cota	100.000\$00	
Antonio Silva c/ cota	100.000\$00	200.000\$00
»		
Caixa		
a Diversos		
a Manoel Teixeira c/ cota	100.000\$00	
a Antonio Silva c/ cota	100.000\$00	200.000\$00
»		
Diversos		
a Caixa		
Manoel Teixeira c/ particular	60.000\$00	
Antonio Silva c/ particular	27.000\$00	87.292\$90

Diversos		
a Manoel Teixeira c/ particular		
Mercadorias	63.785\$00	
Moveis e Utensilios	10.000\$00	
Devedores	47.950\$00	121.735\$00

Manoel Teixeira c/ particular		
a Diversos		
a Letras a Pagar	51.200\$00	
a Credores	10.535\$00	61.735\$00

Letras a Receber		
a Antonio Silva c/ particular		48.745\$90

Antonio Silva c/ particular		
a Letras a Pagar		21.453\$00

E. R.

N. B. Não descrimino a redacção dos lançamentos afim de poupar espaço, e mesmo por que o fim que se tem em vista é o da tecnica dos lançamentos não visando exercicio de redacção.

Outra solução ao problema n.º 5

Cotas		
a Capital	200.000\$00	
»		
Diversos		
a Cotas		
Manoel Teixeira c/ cota	100.000\$00	
Antonio Silva c/ cota	100.000\$00	200.000\$00
»		
Caixa		
a Diversos		
a Manoel Teixeira c/ cotas	100.000\$00	
a Antonio Silva c/ cota	100.000\$00	
a Letras a Pagar	72.653\$00	
a Credores	10.535\$00	283.188\$00
»		
Diversos		
a Caixa		
Mercadorias	63.785\$00	
Moveis & Utensilios	10.000\$00	
Devedores	47.950\$00	
Letras a Receber	48.745\$90	170.480\$90

E. R.

N. B. A mesma observação feita na solução anterior. A importancia de Esc. 72.653\$00 é obtida pela soma das letras a pagar de Manoel Teixeira (51.200\$00) e dos aceites de Antonio Silva (21.453\$00) que sendo recebidos pela sociedade constituem passivo d'esta devendo, em meu entender, serem levados á conta mencionada.

N. R. — Sobre as soluções apresentadas por E. R., não concordamos:

- 1.º Com a fôrma como são apresentados os lançamentos, devido à falta de designação, por esta ser um factor de grandissima importancia o qual deve interessar muito a grande numero de leitores.
- 2.º Com a segunda solução, por que não exprime a verdade dos factos e mostra-o claramente.

No 2.º lançamento vê-se:
Caixa a Letras a Pagar
e no 3.º:
Letras a Receber à Caixa

o que não é admissivel, a não ser por estorno. Que designação daria o autor a tais lançamentos? Francamente, não vemos que se lhe possa dar designação aceitavel.

CONSULTAS JURIDICAS DE COMERCIO

Esta secção foi fundada e é mantida por especial obsequio do Ex.^{mo} Snr. Dr. Abeillard Teixeira para com a «Voz do Comercio». Podem recorrer a ela todos os assinantes deste Quinzenario que não estejam em debito.

Só se admitem consultas sobre assuntos comerciais; todas são gratuitas.

Consulta n.º 7

Consulta

- 1.º Uma casa comercial tendo a sua Séde em Vagos a sua escripta poderá ser feita em Aveiro, onde tem o seu escriptorio?
O facto de assim poder fazer-se deve mencionar-se VAGOS ou AVEIRO nos livros.
- 2.º Tendo acabado os livros selados em 31 de Dezembro de 1929 e por aglomeração de serviço só agora se reparou que para fazer o movimento do corrente ano não tinhamos os livros devidamente selados, mandando-se proceder a esse acto, sendo feito o termo de abertura com data de 12 de Abril. Poder-se-ha fazer a escripturação do trimestre em atrazo a-pezar-do termo de abertura estar com data de 12 de Abril?
No caso de assim não poder fazer-se poder-se-ha englobar o apanhado do trimestre e lançar em data do termo de abertura e o corrente mez de abril na sua devida altura?
- 3.º Para a resposta á primeira pergunta, devo elucidar que a abertura do termo nos livros está feita pelo Presidente do Tribunal do Comercio de Vagos.

P. S. — Fazendo-se a escripturação em 10 de Abril ou depois, mês por mês, como determina a lei; e reportando-se no enunciado de cada lançamento mensal, á data em que devia ser feito, estar-se-ha sujeito a alguma multa por a lei não permitir um atrazo de mais de três meses?

Que inconvenientes haverá?

Resposta

I

A lei obriga o comerciante a ter escrita; mas não diz expressamente onde esta deve estar. Porem, desde que o comerciante tem domicilio na séde, deverá ser nesta que tem de conservar a escripturação e consequentemente aí deve ser feita a escrita. O facto porem de ter o escriptorio fóra da séde, justifica a existencia da escrita naquele local.

E, como no escriptorio é que tem de servir os livros é na circumscrição judicial deste que devem ser legalizados.

Não ha na lei sanção para o facto de a escrita não estar na séde social

Se houver necessidade de mencionar o local em que é feito o lançamento evidentemente que se ha-de mencionar o local onde de facto foi feito e não o da séde, se não tiver sido feito nesta. Porem, não deve

esquecer se que os livros são legalizados na circumscrição onde tiverem de servir.

Haverá necessidade de especificar o local onde foi feito o lançamento? A lei não o diz.

II

A escripturação do trimestre anterior ao da data do termo de abertura dos livros deve fazer-se datando os lançamentos do dia em que são feitos, e descrevendo-os com a indicação da data a que os mesmo respeitam, sem necessidade de englobar lançamentos o que é até contra lei fora dos casos e na forma do art.º 34.º e § 1.º do Código Commercial.

Se se antedatar o lançamento, comete-se uma falsidade; a escrita fica irregular.

Essa irregularidade não dá lugar a multa, mas pode tirar á escrita a força probatoria que tem (art. 44.º).

III

Desconheço disposição legal que permita um atrazo de tres mezes na feitura da escrita. Deve haver engano.

O «Diario» ha-de escripturar-se diariamente, salvo a hipotese prevista no § 1.º do art. 34.º. Mas, neste caso, os auxiliares têm de escripturar-se dia a dia e não com atrazo de tres mezes.

O «Razão» deve ser escripturado simultaneamente, visto o fim a que se destina. O «Copiador» como é obvio, deve registar a correspondencia antes de expedida.

O «Livro de Atas» deve ser escripturado finda a reunião.

O «Inventario e Balanços», (que, comquanto seja o primeiro livro a escripturar mencio propositadamente em ultimo lugar) — visto ter por fim exclusivo fixar o capital, não pode deixar de ser escripturado em dia.

O art.º 62 do Cod. Com. obrigando o comerciante a dar balanço anual ao seu activo e passivo, não no fim do ano — (visto que ao contrário do que ordinariamente se faz, não é destinado a determinar lucros), — mas, nos tres primeiros meses do ano immediato, — (para determinar o capital do novo exercicio), — fixou este praso por se reconhecer a impossibilidade, na generalidade dos casos, de se proceder ao balanço em vinte e quatro horas. Mas, o legislado não quer significar que se dê balanço no ultimo dia dos tres mezes; isto é, que o comerciante deixe os lançamentos do «Inventario e Balanços» parados tres mezes.

Foi certamente esta disposição mal interpretada a origem do erro contido na III pergunta formulada.

Abeillard Teixeira.

A NOSSA PROFISSÃO

Quando se escolheu uma profissão, é preciso amá-la; quando a amámos, depende de nós o desempenhá-la bem. Ela impõe-nos deveres, dá-nos sempre mais do que nós lhe damos.

Professor Pierre Teissier.

ARITMÉTICA PRÁTICA

(Continuação)

Multiplicação

Para, numa multiplicação, não haver necessidade de transportar as unidades de ordem superior, usa-se o seguinte processo que, como se vê nos exemplos, se pode começar pela direita ou pela esquerda:

$$\begin{array}{r} 2467432 \\ \times 5 \\ \hline 10 \\ 15 \\ 20 \\ 35 \\ 30 \\ 20 \\ 10 \\ \hline 12337160 \end{array}$$

$$\begin{array}{r} 2467432 \\ \times 5 \\ \hline 10 \\ 20 \\ 30 \\ 35 \\ 20 \\ 15 \\ 10 \\ \hline 12337160 \end{array}$$

Quando o multiplicador é um ou mais naves, a multiplicação pode reduzir-se a uma subtracção, colocando o multiplicando como diminuendo e repetindo-o como diminuidor, mas colocando-o de maneira que fiquem à esquerda tantos algarismos do diminuendo quantos são os naves do multiplicador. Exemplo, para elucidação:

$$64832 \times 999$$

$$\begin{array}{r} 64832 \\ 64832 \\ \hline 64767168 \end{array}$$

Divisão

Para dividir um numero por 5 basta multiplicar a decima parte desse numero por 2.

Para dividir um numero por 25 basta multiplicar a centesima parte desse numero por 4.

Para dividir um numero por 125 basta multiplicar a milésima parte desse numero por 8.

As várias regras que os compendios em geral apresentam para dividir numeros decimais, podem substituir-se por uma só regra, simples e incisiva: iguala-se, por meio de zeros, o numero de casas decimais do dividendo e do divisor, e em seguida pratica-se a operação como se fossem numeros inteiros.

Fracções de fracções

Fracção de fracções é uma ou mais partes duma fracção. Assim, se tomamos metade da metade o resultado é a quarta parte da unidade.

Exemplo: tomar $\frac{3}{4}$ de 7. Para tomarmos $\frac{1}{4}$ de 7

dividimos 7 por 4: $\frac{7}{4}$; mas como são $\frac{3}{4}$ multiplica-

mos por 3: $\frac{7 \times 3}{4} = \frac{21}{4}$ ou $5 \frac{1}{4}$.

Suponhamos agora que queremos tomar $\frac{3}{4}$ de

$\frac{2}{5}$. Para tirar $\frac{1}{4}$ de $\frac{2}{5}$ divide-se esta fracção por 4:

$\frac{2}{5 \times 4}$; mas como são $\frac{3}{4}$, multiplica-se por 3:

$$\frac{2 \times 3}{5 \times 4} = \frac{6}{20} = \frac{3}{10}$$

Quer dizer: para o efeito, basta multiplicar os numeradores e os denominadores. Se se tratar de fracção mixta reduz-se primeiro a fracção impropria

C.

CONTABILIDADE APLICADA ÀS COMPANHIAS DE SEGUROS

(Continuação)

Resseguradores

E' uma conta collectiva cuja função é regularizar as operações relacionadas com a cessão total ou parcial das apolices.

Ao *credito* leva-se o premio proporcional á parte do seguro cedido, debitando-se a PREMIO, que foram, no recebimento, creditados pelo total; credita-se ainda por todas as importancias recebidas dos resseguradores, e correspondentes a valores que lhes são debitados.

A *debito* são lançadas as commissões relativas aos seguros cedidos; os pagamentos dos premios de resseguro; os capitaes dos contratos sinistrados que os resseguradores devem pagar, capitaes que são transferidos para credito de Sinistros que, no pagamento destes, são debitados pela importancia total da apolice ressegurada.

Em virtude do credito reciproco que existe entre empresas que transigem constantemente, o saldo desta conta pode ser devedor ou credor.

Cumpre notar que as operações de resseguro como

as de seguro são consideradas definitivas sómente depois do segurado ter pago o premio.

Sinistros

Nesta conta transitoria são lançados todos os sinistros do exercicio.

Debita-se pelo total dos que são pagos e dos que dependem de qualquer condição para serem liquidados.

Credita-se pelas importancias que os Resseguradores devem pagar na liquidação dos resseguros que aceitaram.

Na data do balanço, o debito e o credito são simultaneamente transferidos para as diversas contas de seguros ás quaes pertencem as apolices sinistradas.

Sinistros a pagar

Esta conta representa os sinistros verificados num exercicio mas liquidados depois do encerramento desse exercicio.

E' *creditada*, na epoca do balanço, pelos seguros ocorridos não pagos.

E' *debitada* pelos pagamentos respectivos.

Encontrando-se qualquer differença na liquidação dos contratos, a conta é saldada por Lucros e Perdas.

Fundo de accumulção

Esta conta, que apresenta as quotas de dividendos pertencentes ás diversas apolices de seguro com participação, faz parte do passivo exigível, pois constitue uma responsabilidade do segurador que deve cumpri-la, pagando aos segurados que sobreviverem a certo prazo previamente combinado, o que lhes pertence, consoante ás clausulas da apolite.

A conta, representa, de facto, o que foi addicionado aos premios de seguros com participação, e, em principio, os juros sobre os premios recebidos e sobre os lucros computados a credito da conta durante o periodo de accumulção.

Ella pode ser formada, ainda, de uma certa percentagem, 10 ou 15 % dos premios de todas as apolices da mesma categoria e imitadas no mesmo anno; sendo o respectivo saldo accrescido do juro, de uma determinada taxa, capitalisado annualmente.

E' *creditada*, annualmente, na epoca do balanço, pelos juros dos premios recebidos, relativos aos contratos com participação; pela parte que lhes pertence tirada do lucro do exercicio terminado, e pelos juros do saldo da conta, proporcionaes ao tempo decorrido do inventario anterior ao actual.

E' *debitada*, pelos pagamentos feitos, em dinheiro, ao segurado que sobreviver ao periodo de dividendos accumulados, e pelas quotas pertencentes aos contratos modificados pela redução, a converterem-se em apolices saldadas, ou em rendas vitalicias, conforme a opção.

Rescisões

indicam os contratos cujos segurados, depois do terceiro premio, interrompem o pagamento devido.

A conta é *debitada*, durante o anno, pelas quantias pagas pela liquidação das apolices.

E' *creditada*, na epoca do balanço, pelo *quantum* devedor, debitando-se a correspondente categoria.

Juros e redditos diversos

Figuram nesta conta os juros e todos os outros rendimentos recebidos e pagos.

Credita-se pelos cobrados sobre as quotas trimestraes ou semestraes em que se fraccionam os premios

annuaes; pelos que pertencem aos titulos mobiliarios, aos emprestimos concedidos aos segurados, aos adiantamentos com garantia e pelos alugueis das propriedades immoveis.

Debita-se, na data do balanço, pelos juros calculados sobre o credito da conta de Fundo de Accumulção; pelos pagos ás companhias que reseguram alguns dos nossos contratos com premios fraccionados e, em principio, pelos que se computam sobre o premio e reserva que figuram a credito das varias contas de seguro, com participação.

A taxa que serve ao calculo desta ultima condição é a metade da taxa annual, porque, sendo os premios recebidos em varias datas do anno, essa metade é considerada como a taxa uniforme para o calculo dos respetivos juros.

O *saldo* é credor e a conta regulariza-se, na data do inventario, pela de Lucros e Perdas.

Gastos geraes

Os gastos geraes de uma empresa qualquer comprehendem os que se relacionam com o conjunto das suas operações.

Numa companhia de seguros em que todos os seus negocios são regularmente classificados, os gastos distribuem-se pela administração e pelas varias categorias de contratos sobre os quaes repousam as transacções da empresa.

E como a receita tem o seu principal elemento no lucro indicado pelas diversas contas de seguros, para que esse lucro seja liquido, os gastos são transferidos, conforme a digraphia, para as contas de categoria, e por um valor proporcional ao volume das transacções respectivas.

As companhias, na sua fundação, tem despezas extraordinarias e geralmente avultadas.

Para que um só exercicio não suporte o peso total dellas a importancia correspondente é transferida para—*Despezas a amortizar* e liquidada dentro de tres ou quatro exercicios.

A conta de Gastos geraes é *debitada* por todas as despesas pagas e a pagar.

Credita-se, na data do balanço para salda-la por Lucros e Perdas.

(*Continna*)

Horacio Berlinck.

Do meu livro «Tratado de Seguros».

O VALOR DA CONTABILIDADE

(*Continuação*)

Tomemos a lei de Mariotte.

«O volume dum gaz está na razão inversa da pressão que elle suporta.»

A serie ideal que nós construiriamos por meio d'esta lei não seria exacta senão entre dois limites muito proximos. Se o gaz se aproxima do seu ponto de liquifacção verificaremos desvios cada vez maiores.

Se consideramos as melhores leis estabelecidas na quimica verificaremos ainda uma imperfeição maior.

Se, entranto, passamos á sciencia biologica veremos ahi na elaboração modificações incessantes das suas séries.

Em geral, os fenomenos ou os objectos seguem-se na ordem *a, b, c, d*. Se, pois, em qualquer circumstancia vemos apparecer successivamente *a, b, c*, é pro-

vavel que vejamos aparacer-nos *d*. Não somos ainda chegados ao tempo em que a provisão biologica poderã pretender maior rigor.

Para Ricardo, o fundamento do valor é o trabalho; mas o valor dum producto mede-se não pela quantidade de trabalho que ele leva ao comprador, mas pela quantidade de trabalho que é preciso empregar directa ou indirectamente para o obter (claro como breu)... Entretanto o preço de uma mercadoria pode variar accidentalmente, isto é, independetemente da quantidade de trabalho que a produziu. Então os lucros elevau-se ou baixam e o capital afluí de outros productos para este ou reflui d'este para os primeiros.

Ricardo conclue logicamente das suas premissas: se em consequencia de aperfeioamentos nos meios de producção um mesmo numero de operarios produz

uma quantidade dupla de entidades, êles terão entretanto produzindo o mesmo valor total.

Para Smith *valor* é o poder d'acquição, de compra; êle definiu um valor que se poderia qualificar de *potencial* ou de *virtual*.

Diz agora o A. (em nota):

Seja *A*, o valor *potencial* do Stock.

Seja *n* o tempo necessario para a sua colocação.

O seja valor actual será:

$$\frac{Atn}{n} = At \quad (t, \text{ taxa do desconto})$$

Para (n-1), será:

$$\frac{A}{n} t^{(n-1)}$$

E para (n-2) (n-3) etc., será:

$$\frac{A}{n} t^{(n-2)} \quad \frac{At}{n} (n-3) \dots$$

Sendo *E* o valor do Stock será:

$$E = \frac{A}{n} t + \frac{A}{n} 2t + \frac{A}{n} 3t + \dots + \frac{A}{n} (n-1) + At$$

ou:

$$E = \frac{A}{n} t [1 + 2 + 3 + \dots + (n-1) + n]$$

ou

$$E = \frac{A}{n} t \left[\frac{n(n+1)}{2} \right] = \frac{At(n+1)}{2}$$

Sejam entretanto *A* e *B* dois generos de productos ou utilidades. Designemos por *E_{ab}* o equivalente de *A* em relação a *B*, e por *E_{ba}* o equivalente de *B* em relação a *A*.

Desde logo, se eu chamo *unidade de valor* a unidade quantitativa do producto-modulo que supomos ser *B*, por exemplo, o valor da outra utilidade será proporcional ao numero de equivalentes economicos *E_{ab}* que êle contenha e possa ser expresso, isto é por

$$\frac{A}{E_{ab}}$$

Ora é evidente que:

$$E_{ab} = \frac{1}{E_{ba}}$$

Por consequencia:

$$\frac{A}{E_{ab}} \times A \times E_{ba}$$

A expressão

A × *E_{ba}* do valor *A* chamar-se-á o seu preço.

Em contabilidade a *Especie* é a Conta.

Contas semelhantes são as que registam operações da mesma natureza.

Exemplos: As contas pessoais das emprêsas com quem se negocea;

A's contas que registam operações da mesma natureza: Letras á ordem, qualquer que seja a especie; Titulos de Credito; Contas de valores imobilizados; Contas de Capital circulante, etc.

Tal é a *Especie* na sua generalidade.

As contas são series de operações da mesma natureza, ordenadas por Debito e Credito, definindo a situação de uma Emprêsa (contas singulares); ou de um objecto de comercio singularmente (contas de movimento); ou de resultados positivos ou negativos da exploração (contas de resultados); ou dos estabelecimentos que constituem as diversas instalações da industria (contas de capital fixo).

Reduzidos á sua expressão mais simples, são contas singulares.

Exemplos: Pedro, Paulo, Saques, Remessas, Cambios, Laboração;

Agrupando series da mesma especie, exemplo: Devedores, Credores, Compradores, Vendedores, Fazendas Gerais, são Contas Colectivas. Eis o Genero.

Quando uma Conta é mixta, isto é, quando reúne mais de um Genero, exemplo: Devedores e Credores ou seja simultaneamente valores Activos e valores Passivos ou explorações diversas, etc., reuniões de Generos, em summa, temos uma Familia.

Se pretendemos um Balanço bem ordenado, racionalmente organizado, agrupamos por secções distintas:

Os Capitais fixos pelas suas respectivas contas;

Os Capitais Circulantes, idem;

As contas de ordem, idem;

Temos assim outras tantas reuniões de Familias—ou a Ordem.

E essas diversas Ordens de natureza diversa dão-nos as Classes, do Activo a um lado, do Passivo ao outro. Finalmente a reunião de Classes dão-nos o Tipo—Activo e Passivo.

Temos, pois:

Typo (Reunião de *Classes*) Balanço Geral.

Classes (Reunião de *Ordens*) Capitais fixos, Capitais circulantes, Series de resultados.

Ordens (Reunião de *Familias*) Contas colectivas mixtas.

Familias (Reunião de *Generos*) Contas colectivas de individuos singulares.

Generos (Reunião de *Especies*) Conta singular.

Alves de Matos

Le commerce est l'âme, et la base d'un empire: Qubil pèrisse, tout meurt; s'il fleurit tout respire.

«Fréville»

«...c'est en quelque sorte la lumière qui éclaire l'homme d'affaires dans tout le cours de ses opérations.»

J. — G. Courcelle — Seneuil.

SEÇÃO LITERARIA, ARTISTICA, MORAL E SCIENTIFICA

ALIMENTOS QUE GUERREIAM O ESTOMAGO HUMANO

A sciencia agora obriga a sua pele a dizer quaes os elementos da sua dieta que brigam com o seu organismo

É um facto interessante que os alimentos que são de ordinário completamente nutritivos e inteiramente inofensivos podem causar doenças subitas em pessoas suscetíveis. Diz-se que estes infelizes tem uma *idiosyncrasia*; isto significa que tem o habito singular de tornar-se doentes depois de comer um determinado alimento que nutre outras pessoas.

O velho proverbio — «o que faz bem ao fígado faz mal ao baço» tem um fundamento scientifico.

Quando se trata de idiosyncrasias da alimentação, cada homem tem uma regra dentro de si mesmo.

Na galeria dos maus alimentos ha setenta e dois, que se conduzem desordenadamente no estômago humano. A maior parte deles são até alimentos de dieta, taes como o leite, os ovos, a carne de vaca, o queijo e varias especies de legumes. Todos contem *proteina* que é uma combinação orgânica de carbono, nitrogênio, (azoto) hidrogênio, oxigenio e enxofre. É o elemento ao qual são sensíveis as pessoas que tem uma idiosyncrasia.

O que é facto é que nós não podemos viver sem estes setenta e dois alimentos. Se o medico tentasse eliminar todos os alimentos que podem causar desarranjos, não ficaria nenhum de substancia para comer. Felizmente que se pode determinar, segundo experiencias scientificas realizadas, qual o alimento exacto em falta, num determinado caso. Não devemos esquecer que não ha meio de decidir pelos sintomas se o leite ou o espinafre, ou de facto, qualquer dos setenta e dois suspeitos, é digno de censura.

A *allergia* alimentar, ou seja o estado de sensibilidade para a proteina de alguns alimentos especiaes, áta do mesmo modo quer a doença ocorra num homem sensível á lagosta, após uma cuia de *cabaret* ou naquêle que fór sensível á hortaliça depois do seu jantar em familia.

Quando algem fór sensível a um alimento, todo o seu organismo combate contra a sua introdução.

O corpo *decreta* a prohibição contra este alimento, prohibição que é mais rigidamente imposta do que a lei de Volstead. (1) Depois os *anticorpos* — os agentes da prohibição do organismo — são destacados pelos tecidos contraos com instruções para invadir o estomago e outros órgãos e destroem os alimentos prohibidos que encontram.

Mas o apetite humano desempenha o papel de contrabandista. E, na verdade, é um esplendido contrabandista! Aquele, cuja missão na vida, é ter centenas de lagostas para as cozer vivas, defenderá a honra da familia dos crustáceos. Mas se fór sensível ás lagostas, continuará a fazer o contrabando delas dentro do seu estômago e os *anticorpos* fazem o que podem para destruir a proteina da lagosta. O resultado é uma *luta de guerrilhas* entre as proteínas da lagosta e os *anticorpos* da antilagosta.

Uma pessoa em cada sete é anormalmente sensível para algumas formas de proteina, se se trata de proteina do polen das plantas ou alimentos de proteina. Em taes casos, a caspa do gato, do cão e do cavallo pode causar asma do mesmo modo que o polen de certas flores e de certas forragens podem causar não só a asma como tambem catarro ou irritação na garganta.

Conheci uma senhora de bastante idade que me provou ser sensível á caspa do gato. Tinha ela um gatinho que para si era tudo o que de melhor existia no mundo, mas para mim era o contrário. Uma vez fui chamado para ir vê-la durante um ataque violento de asma e o animal estendeu-me as suas garras manhosamente. A vingança foi agradável. Quando descobri o que tinha causado a sua asma, pedi á minha cliente que matasse o gato.

Pouco depois mandou-me chamar outra vez e que fosse depressa. O gato ainda lá estava, mas embalsamado; posto de parte, o ataque asmático ainda continuava. Vim a descobrir a causa muito brevemente: a familia desta senhora ainda tinha dois magnificos gatos num compartimento visinho os quaes eu conseguí fazer sair de casa usando para com os possuidores dos dois felinos de processos convincentes e só depois disto eu pude libertar a paciente do seu maldito ataque de asma.

Esta experiencia serve para mostrar como ha pessoas que

podem ser sensíveis e bastante á absorção da caspa animal. Em alguns casos pessoas tem havido que são suscetíveis para a caspa do cavallo e sofreram de asma, embora vissem quase no extremo do quarteirão em que estava situada a cavalariça.

Quanto á irritação da garganta, a sensibilidade para certos pólenes de plantas é por vezes excessiva. Durante a estação propria, quando a erva ou outro arbusto causador destes encontros estão em flor, as pessoas predispostas devem ou suportar os espirros e a irritação ou emigrar para localidades onde a planta não cresce. Contudo, um tratamento de *insensibilisação* pode tornar-se proveitoso e muitas pessoas desta maneira conseguirão se não a imunisação, pelo menos ver atenuada a sua sensibilidade para o pólen das plantas.

As proteínas da alimentação actuaem na sensibilidade das pessoas muito semelhantemente ás proteínas contidas na caspa dos animais e nos pólenes. Certas pessoas suscetíveis, comendo alimentos prohibidos pelo seu organismo, podem contrair um determinado numero de doenças. Entre ellas estão as indisposições do estômago e intestinos, dores de cabeça, erupções e asma.

Um dia veio consultar-me uma jovem estenógrafa, contando-me que sofria periodicamente de horribes dores de cabeça e que quando as tinha, ela *via* as brancas luzes da Broadway mesmo que fosse dia. Ela notou que estes ataques de *migraine* appareciam sempre que comesse uma banana e vinham acompanhados de erupções.

As bananas foram postas de parte e então as dores de cabeça e as erupções cessaram. Verificou-se, após ter-se riscado com uma agulha o braço da estenógrafa, que uma grande erupção appareceu, porque se friccionou com a proteina de uma pequena banana a parte do braço riscada com a agulha! Feita a experiencia com a proteina do leite e dos ovos, nada de anormal appareceu. As dores de cabeça desta senhora desapareceram simplesmente pela abstenção de bananas.

O modo como o medico separa a proteina da alimentação (da caspa ou polen) á qual o seu cliente é sensível, é assunto de muito interesse e importancia para aquele infeliz que entre sete acontece sofrer da sensibilidade para a proteina.

Aquele que adoecer pela proteina da banana, por exemplo, tem a sua pele bem como o resto do corpo, irritado por ella. Faça-se uma simples arranhadura na pele do braço mas não tam profunda como aquela que se pratica para a vacinação.

Depois fricciona-se levemente a pele com um pouco de proteina da banana. Se a pessoa sujeita á experiencia não for suscetível, nenhuma inflamação apparecerá alem daquela que resultar da arranhadura; mas se a banana é realmente a causa do mal, formar-se-ha sobre a parte do braço arranhada uma grande erupção encarnada.

Em alguns casos o médico é levado a suspeitar daquele numero de elementos proteicos da galeria maldosa dos setenta e dois alimentos que contem proteina e pelo qual o doente responsabilisa a sua doença. Infelizmente a historia que o doente conta pode apenas significar illusão, visto que elle pode ser levado apenas a censurar os alimentos que lhe não agradam. Alem disso cada paciente pode ser sensível a duas, três ou mais proteínas. Portanto, usualmente o que se torna necessario fazer é levar o paciente a percorrer toda a escala das experiencias da pele para observar qual a proteina que o sensibilisa afim de ter a completa compreensão do caso.

Alguns doentes quando sofrem as incisões para as experiencias sobre a pele dos braços, dizem humoristicamente que são *statuados*. A repetição das incisões pode realmente sugerir um alistamento na Marinha de Guerra,mas a irritação dura apenas alguns dias e não produz qualquer cicatriz.

Para reduzir ao minimo o necessario numero de incisões, alguns operadores dispõem em grupos as varias substancias.

Por exemplo, o grupo dos mariscos contem as proteínas do mexilhão, da ostra, do carangueijo, da lagosta, do camarão, etc.; o grupo das vagens contem as proteínas do feijão branco, das lentilhas, das ervilhas, etc. Se a experiencia sobre a pele dá negativa para um determinado grupo, isto é, nenhuma erupção se observou depois da fricção com o grupo de proteínas, ficamos

sabendo que o doente não é sensível a qualquer dos membros desse grupo.

Desensibilização

Depois de descobrir pelas experiências da pele que, determinado alimento ou alimentos, desagradam ao seu doente, o médico deve voltar a sua atenção para o tratamento. Algumas vezes o problema é muito simples.

Conheço o caso de um marido abandonado pela esposa, que sofria de erupções, tendo dado a experiência uma suscetibilidade para a proteína do alho. Este homem de facto tinha o habito de comer alhos crus. A sua *halitose* era horrível. Acusado a abster-se de comer aquele bolbo liliáceo, o que fez, curou-se em pouco tempo tanto das suas erupções como da sua *halitose*, e a esposa voltou a viver com ele. E acabou assim, com felicidade, aquilo que ameaçava transformar-se numa tragédia que tinha por causa a *gulosidade* de comer alho!

Suponhamos por outro lado que determinada pessoa provava sensibilidade para um grupo de alimentos essenciaes taes como os ovos, o trigo e o leite que são o sustentaculo da vida. Como eliminar estes alimentos, da dieta dessa pessoa?

Em tal caso teriamos que lançar mão da desensibilização, outra maravilha da sciencia médica.

Suponhamos ainda que a pessoa cujo caso referi, tinha provado suscetibilidade para a lagosta, como suspeitei a principio. Teria sido apenas um desperdicio de palavras, pedir-lhe que deixasse de comer lagosta.

•A minha profissão é para ser tomada na devida consideração», teria ele respondido. •Os restaurantes noturnos não podem viver sem a lagosta da meia-noite».

E assim, no interesse das «brancas luzes da Broadway», o procedimento a adoptar teria sido desensibilisar contra a proteína da lagosta.

A técnica a pôr em pratica teria sido esta: com o auxilio de uma agulha hipodermica injetar uma pequenina quantidade de proteina da lagosta, e tam pequenina que não possa causar nem doença nem produzir erupção. Fazer subsequentes injecções com quantidades crescentes da proteina da lagosta mas nunca em quantidades bastantes para produzir doença.

Com este tratamento a resistencia para a proteina da lagosta seria gradualmente aumentada. Finalmente a desensibili-

zação tornar-se-hia tam completa que permitiria ao *impresario* toda a lagosta que a sua «profissão reclamava».

Trad. de *Braz Porto*

(Da «Science & Invention»)

Dr. Frederic Damrau.

(1) *Volsted* é o nome do *denodado* deputado que levou ao parlamento norte-americano a celebre lei-seca que ainda está em vigor naquele grande paiz. Sem desejar dar leis na casa alheia, não deixarei de lamentar os contratempos que essa lei tem originado; não sabendo mesmo se a repressão tem sido mais funesta do que a liberdade (e aquele é o grande paiz da liberdade) do commercio das bebidas alcoolicas, embora com restrições.

Melhor avisados, creio, andam os ingleses porque bebem o delicioso vinho do Porto e nem por isso deixam de ser um povo progressivo que caminha na vanguarda da civilização.

Não só na antiguidade mas tambem nos tempos que vão correndo o vinho é apreciado no mundo inteiro, *America y compris*, apesar da celebre lei. Um faraó notavel, *Phtah-Hotep*, que viveu na cidade de Memphis a rainha do Nilo, que Menés fundou, devia ter protegido muito a vinicultura e devia ter apreciado o sumo da uva, porque no seu tumulo foram encontrados desenhos representando scenas varias das vindimas e da vinificação do seu tempo. E viveu 4 000 anos antes de Cristo! E diz a Historia que morreu velho! Este, pelo menos, não encontrou no vinho os inconvenientes que os americanos lhe encontraram.

E'squilo, o celebre trágico grego, cantou as virtudes excelsas do vinho e devia ter apreciado bastante este licor para o cantar. E viveu este admirador do suco da uva 130 anos! Se não fóra a tartaruga que lhe deixou cair em cima da cabeça a água fatidica, era capaz de chegar a ver Cristo em vez de morrer 425 anos antes do seu nascimento. Até o celebre medico grego Galeno escreveu muito sobre o vinho e foi um dos escritores da antiguidade que melhor o descreveu.

Emfim, o vinho é uma bebida que não só na antiguidade como agora tornou-se imprescindivel nas melhores mezas e nos festins. Alegrou a meza de Mecnas e a do imperador romano Calígula. E diz-nos Plínio que á meza deste bruto se bebia um vinho que tinha mais de 160 anos de idade!

Podia dizer ainda muito mais acerca do sumo da uva mas não quero aqui ser mais extenso. Quem tiver interesse pelo assunto pode lêr os artigos que são publicados nesta revista sob a epigrafe —«O vinho do Porto e as Pescarias».

Os americanos parece terem medo que o ótimo *Port wine* os mate. Tambem os seus automoveis que nós importamos matam muitos portugueses e apesar disso e sem a devida reciprocidade, segundo creio, continuamos a importa-los! Mas adiante, que isso não é comigo.

B. P.

PENSAMENTOS

Interessarmo-nos pelo bem do proximo é quase tanto como obter a proxima felicidade, porque é pensar na felicidade da familia humana.

Marden.

Quando um rico devasso, perdido de corpo e alma se apresenta em qualquer parte, todas as portas lhe são abertas, todos os olhares se voltam para êle, ao passo que mal se dignam conceder cumprimentos de cortezia convencional ao homem de bem, que vive do trabalho honesto.

Diversamente aconteceria se a opinião fustigasse o vicio doirado, como açoita o vicio andrajoso.

Adolfo Bispo de Alger.

Eu defini d'esta arte a maledicencia: um secreto pendor da alma a julgar maus todos os homens, manifestando-se por palavras.

Theofrasto.

Quando não ha fé, não ha jamais esperança. Quando não ha esperança, que resta para que se possa uma pessoa consolar?

Dois tempos ha na vida, em que a verdade mais utilmente se nos pôde mostrar: na mocidade para nos instruir, na velhice para nos consolar.

Deixa de ouvir muitos, por que ficas desaconselhado.

Quem opera e se levanta á custa só do seu próprio esforço, ainda vencido, é grande e digno de respeito.

O trigo limpa-se deitando-o ao ar, quando ventaja: os homens, quando a contrariedade os sacode.

Muitas pessoas falam como filosofos, e vivem como tolos.

Os individuos que veem sempre a felicidade na casa dos outros, são ordinariamente aqueles que não a encontram para si, em parte alguma.

A caridade bem ordenada começa por nós mesmo.

Quem com mau visinho tem de visinhar, com um olho ha-de dormir e com o outro vigiar.

O Vegetariano

Revista Ilustrada de Higiene e Agricultura

Tem vinte e um anos de existencia na propaganda da alimentação racional e tratamentos naturais

Inserir secções de culinaria dietética, consultas *gratis* e agronomia prática

Variada colaboração scientifica e literária

Tem produzido milhares de *auto-curas* pela *Natureza* e oferece *gratis* um trimestre de assinatura a quem enviar o endereço bem legível a

O VEGETARIANO
LAR DOS LOIOS, 50
Porto

ESPECTACULOS E DIVERSÕES

Teatro Sá da Bandeira

Telefone, 2595

Empreza ANTONIO CASTRO

COMPANHIA
Lucilia Simões - Erico Braga

DE QUE FAZEM PARTE

DISTINTOS ARTISTAS

EXCELENTE REPORTORIO

Jardim Passos Manuel

Telefone, 1084

Esplendoroso Music-Hall. O melhor recinto de diversões do País. Luxuoso Salão de Festas.

CINEMA E VARIEDADES

FITAS ESCOLHIDAS

Orquestra Jazz **Odeon**

Salão Jardim da Trindade

Telefone, 4412

Rendez-Vouz da sociedade elegante portuense

Soirées Chics

Orquestra Jazz sob a direcção do distinto violinista Efsio Anedda

FILMS ESCOLHIDOS

PROGRAMAS VARIADOS

Agua d'Ouro

Telefone, 2619

O cinema mais luxuoso do Porto

PROGRAMAS PARAMOUNT

Neste salão dotado de todos os confortos modernos são passadas as fitas de maior renome mundial

MATINÉES ELEGANTES

Concertos pela excelente orquestra composta de 14 professores sob a direcção do *maestro* HORACIO BORGES

Odeon «Cine-Teatro»

Empreza A. da Silva Marta - Telefone, 4850

R. Pnto Bessa (angulo da rua Nova da Lomba)

COMPANHIA
 de revistas **STICHINI-SANTOS**

de que faz parte um excelente grupo de coristas-bailarinas encenadas por **LUBELIA STICHINI**

Estrela Coreografica

Novo Salão High-Life

Telefone, 1407

Praça da Batalha

O cinema mais popular do Pôrto

Peliculas sensacionais

PROGRAMAS ESCOLHIDOS

Orquestra-Jazz dirigida pelo professor Antonio Carvalho

Palacio de Cristal

O cinema mais barato do Porto

na **NAVE CENTRAL** e no **GIL VICENTE**

às terças, quintas e domingos

Chás dansantes

no «dancing» do Restaurant

JANTARES CONCERTOS

todos os dias ás 19 horas

VISITEM O **AVIARIO**